

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Márcia Maria Assis Fernandes

REDESCOBRINDO A HISTÓRIA DO BAIRRO BASÍLICA: UM NOVO  
OLHAR

Belo Horizonte

2012

Márcia Maria Assis Fernandes

## REDESCOBRINDO A HISTÓRIA DO BAIRRO BASÍLICA: UM NOVO OLHAR

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Ambiental e Patrimonial.

Orientador: Prof. Elaine Soares França

Belo Horizonte

2012

# REDESCOBRINDO A HISTÓRIA DO BAIRRO BASÍLICA: UM NOVO OLHAR

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Ambiental e Patrimonial.

Aprovado em 28 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

---

Orientador – Faculdade de Educação da UFMG

---

Convidado – Faculdade de Educação da UFMG

## **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo ampliar o olhar dos alunos do 4º ano do Ensino Fundamental de uma Escola Municipal em Congonhas para redescobrir o Bairro Basílica, reconhecendo suas histórias e valorizando o patrimônio histórico, cultural e ambiental do seu entorno. A metodologia utilizada procurou oportunizar aos alunos vivências e práticas no bairro. Para isso foram realizadas visitas aos lugares onde transitam diariamente, analisando e refletindo sobre como as pessoas acostumam com o olhar e como as situações cotidianas passam despercebidas. Os alunos tiveram a oportunidade de perceber que a natureza está em constante processo de transformação seja pelos fenômenos naturais ou pela constante ação dos seres humanos.

**Palavras-Chave:** Investigar. Discutir. Preservar.

## SUMÁRIO

1. MEMORIAL DE PERCURSO.....	5
2. PROJETO DE TRABALHO.....	8
2.1. Apresentação do tema.....	8
2.2. Problemas de pesquisa.....	12
2.3. Objetivos.....	13
2.4. Revisão teórico-conceitual e Justificativa.....	13
2.5 Metodologia.....	16
3. PRODUTO PEDAGÓGICO.....	20
3.1 Descrições do produto pedagógico.....	20
4. CONCLUSÃO.....	23
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E DOCUMENTAIS.....	24
6. ANEXOS.....	26
ANEXO 1 – .....	26
ANEXO 2 – .....	31
ANEXO 3 – .....	40
ANEXO 4 – .....	45

## 1. MEMORIAL DE PERCURSO

*“Cidadania é sentir-se gente e agente na sociedade. É poder exercer a democracia em sua plenitude. Sentir que sou alguém, não sou um número e apenas um consumidor. Somos pessoas humanas e temos o direito à vida, à saúde, ao trabalho. Isso tem que vir em primeiro lugar. Sentir-se agente é sentir o fazer, eu sou autor da minha história, das minhas ações.” (Leonardo Boff).*

O presente memorial tem como objetivo relatar a minha formação acadêmica e minha trajetória profissional como educadora da Rede Municipal de Ensino de Congonhas.

Nasci na cidade de Curvelo, Minas Gerais, e estudei na época da ditadura militar, final dos anos 1960 e toda a década de 1970. O paradigma norteador era a escola tradicional, conteudista, repressora. A escola era voltada para a preparação para o trabalho, ou seja, uma educação profissionalizante com escolha para os cursos de magistério das séries iniciais, secretariado ou laboratorista no período da manhã e a noite o curso científico. Enfim, cresci em um ambiente moderadamente feliz, com mais apertos que excessos, mas sem grandes carências nem frustrações. Fiz magistério por influência de minha mãe e de minha irmã mais velha, que entendiam que este curso era o mais adequado para as mulheres. Aos 18 anos conclui minha formação como professora das séries iniciais, meu destino natural.

No ensino médio tive a oportunidade de estudar com um professor de História que também lecionava Sociologia, Filosofia e Psicologia o que nos possibilitou um ensino mais reflexivo. A partir daí comecei a ter uma nova visão de mundo, mais crítica e criativa. Pude fazer uma leitura da minha realidade e da minha vida. Comecei a entender como era a relação das pessoas da minha família e dos habitantes da cidade onde nasci com a natureza e com a sociedade na qual estava inserida.

Minha infância, no sertão mineiro, me abriu um leque de possibilidades de reflexões sobre a importância do olhar sobre a natureza local. Foram muitos passeios pelos cerrados, caminhadas por trilhas, observação de nascentes de águas e de como era a relação das pessoas com os seus usos.

Na escola, apesar da repressão, tive a oportunidade de fazer algumas excursões por fazendas próximas e cidades históricas para conhecimento de suas produções e conservações. Segundo Meyer (2011) é preciso mexer com os sentimentos e experiências dos alunos, levando-os a ter conhecimentos sobre a natureza e as interações ecológicas, formando-os como cidadãos responsáveis. A educação não acontece só entre quatro paredes de uma sala de aula. O aluno deve explorar percepções e sentimentos em relação às transformações da natureza. A escola precisa ter a preocupação com o lugar onde está inserida. Não se pode encerrar-se nos portões e nos seus muros. Ao contrário, deve-se dialogar com a comunidade, fazendo movimento de dentro para fora. Apresentar aos alunos conteúdos contextualizados favorecem vínculos de identidade com o estudante. Isso contribui para que redescubram os espaços sociais e as relações das pessoas com cada lugar. Meyer (2011) diz ainda que é importante levar os alunos a exercitar o olhar, a aprender a observar, interpretar e analisar.

No ano de 1991, comecei o curso de Pedagogia. Não era o curso que gostaria de fazer, mas em Congonhas só tínhamos duas escolhas: Pedagogia ou Letras. Optei por pedagogia por ser o curso mais próximo da minha formação, pois havia feito o curso de magistério para lecionar nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Conclui o curso em 1994 e no ano seguinte comecei a trabalhar numa escola municipal, como supervisora pedagógica.

Durante todos esses anos de trabalho participei de vários cursos de capacitação oferecidos pela Secretaria Municipal de Educação para uma melhor reflexão da prática pedagógica desenvolvida em sala de aula.

Não nasci em Congonhas, mas morar aqui é uma experiência única, pois me interessa muito pela preservação do patrimônio histórico, artístico, cultural e

ambiental desta cidade. Trabalho neste ano de 2012 com uma turma de 4º ano, de uma escola localizada no bairro da Basílica, onde fica o sítio histórico da cidade. Desenvolvo com os mesmos um projeto para sensibilizá-los quanto à importância de se conhecer bem esse espaço para poder preservar o que é de todos. Pois acredito que só amamos e preservamos aquilo que conhecemos.

Pude perceber através de conversas informais com os alunos, que eles não conhecem quase nada a respeito do que significa morar em uma cidade que recebeu o título de “Patrimônio Mundial da Humanidade”. Eles conhecem apenas um pouco sobre o Jubileu, uma festa religiosa da cidade, mas desconhecem todo o resto.

O presente trabalho foi desenvolvido com os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental da Escola Municipal “José Cardoso Osório” no bairro Basílica. Essa escola recebe alunos do próprio bairro e por isso, as cenas cotidianas fazem parte da rotina deles. O olhar já está acostumado com o que vê. Por isso, pretendi desenvolver com esses alunos uma redescoberta do bairro, procurando conhecer sua história, as transformações que foi sofrendo ao longo dos anos com o uso e ocupação desse espaço e as relações que os alunos estabelecem com esse ambiente. Enfim, estimular o olhar das crianças para as questões ambientais e patrimoniais de Congonhas, focalizando o olhar no bairro da própria escola.

## 2. PROJETO DE TRABALHO

### 2.1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho é fruto de reflexões que venho desenvolvendo durante a minha trajetória como professora. Uma pesquisa nem sempre é constante em sala de aula, muitas vezes ela é definida pelo professor e os alunos localizam o assunto nos livros ou na internet, copiam os trechos e as entregam, tornando-as esvaziadas de sentido e significado tanto para os alunos quanto para os professores que só leem e as devolvem. Fazer pesquisa escolar é fazer uma “busca com investigação, seguindo os vestígios, indagando” (CUNHA, 1997).

Dessa forma, a pesquisa, é um procedimento indispensável a ser vivenciado por alunos e professores, que ultrapassa os limites de uma mera estratégia pontual e se traduz numa postura investigativa. Nessa perspectiva cada atividade se reveste de significados.

Professores e alunos devem se posicionar, constantemente, de forma questionadora perante fontes de pesquisa. Ricci (2007) citando Ruth Rocha afirma que pesquisar como ensino não é mero exercício de fixação:

A pesquisa escolar é uma maneira inteligente de estudar e aprender. Não é, simplesmente, um trabalho que você faz para entregar ao professor. [...] É um jogo de perguntar e responder. A pesquisa é como um jogo no qual formulamos perguntas e nós mesmos temos que dar as respostas. É como se brincássemos de detetives sozinhos.

Percebe-se, nos últimos tempos, a especial atenção que vem sendo dispensada pela sociedade, quanto à preservação do patrimônio cultural brasileiro.

A partir da Constituição Federal de 1988, artigo 216 o poder público e a sociedade estão se apercebendo do dever solidário de proteger nossos bens culturais, materiais e imateriais, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.

## Segundo Andrade (2007)

O conceito de patrimônio, no Ocidente é antigo e histórico, pois o seu sentido e a sua interpretação passaram por variações e mudanças ao longo do tempo. Mas, no geral, esse conceito se relaciona à herança, à doação do passado, a algo que foi legado, transmitido e permaneceu com relativa continuidade de direitos.

Posteriormente, o conceito de patrimônio se modificou, passando a incorporar a noção de perda da continuidade da herança ou da tradição sustentada em privilégios particulares. Da noção de algo privado seu sentido se ampliou para a noção de pública (para todos, de todos).

O patrimônio, mais recentemente, recebeu ainda as designações de “material” e “imaterial”, de modo a contemplar a sua objetividade material e a sua subjetividade de modos de criar, pensar, crer etc.

De todo modo, poderíamos tentar aqui um conceito possível de patrimônio cultural, compreendendo-o como o conjunto de processos criadores e de produtos criados, revistos e questionados permanentemente, que evidenciam as características e os modos próprios de uma sociedade ou de uma cultura.

Considerando a importância de os alunos entenderem os aspectos positivos e negativos, em relação aos elementos que compõem o bairro onde moram, buscou-se estabelecer com eles uma reflexão sobre os principais pontos de convívio entre as pessoas que compõe a comunidade e a importância histórica desse lugar onde nasceram e moram. A escola, a Praça Bandeirantes com sua história e comércio local e a relação de busca do conhecimento, de pertencimento, de afeto com o maior conjunto arquitetônico barroco de Minas Gerais e a importância deste para o turismo local, sua conservação e preservação.

Pensando em como trabalhar a relação de pertencimento dos alunos no bairro, algumas estratégias foram organizadas. Primeiramente, identificamos os pontos de convívio diário dos alunos: Escola, Praça Bandeirantes, centro histórico com todo acervo patrimonial. Para conhecimento desses três locais, convidamos quatro moradores antigos do bairro.

Um grupo de alunos ficou encarregado de ir até a casa da senhora Neuzi, que mora ao lado da escola e cuja família era herdeira do terreno onde hoje se

encontra o prédio da escola, para convidá-la para uma entrevista na qual explicaria como o terreno passou a pertencer à prefeitura de Congonhas. O roteiro da entrevista foi feito coletivamente pelos alunos em uma aula. As fotos e o relatório estão no anexo 1.

O segundo convidado foi o vigia da escola que trabalha em dias alternados. Os alunos o convidaram para ir até a sala de aula e ali mesmo fizeram o convite, informalmente.

O terceiro convite foi feito por telefone ao senhor José Félix Junqueira. Um aluno da turma ficou responsável por essa tarefa. As fotos, o relatório coletivo e a carta redigida coletivamente em sala de aula as autoridades de Congonhas consta no anexo 2.

O último convidado, também morador do bairro e funcionário da Fundação Municipal de Cultura foi convidado formalmente por meio de ofício expedido pela escola. Assim agendamos um momento de entrevista com cada um deles em dias diferentes. As perguntas tinham o objetivo de conhecer melhor o Bairro Basílica e entender a relação dos moradores com o ambiente e com o patrimônio desse bairro. As fotos e o relatório coletivo estão no anexo 3.

Tanto a entrevista quanto as rodas de conversa foram realizadas no pátio da escola ou na sala de aula. A primeira entrevistada, Neuzi Manso, nasceu no bairro e mora até hoje no mesmo endereço. Ela contou aos alunos como se deu a apropriação pela prefeitura do terreno onde hoje se encontra a escola, os motivos pelos quais recebeu o nome que tem hoje, onde funcionava a escola antes e o porquê de transferi-la para o local onde se encontra nos dias atuais.

O segundo convidado a participar foi o senhor José Martins Lobo, que também é morador do bairro desde que nasceu. Ele relatou aos alunos como era a Praça Bandeirantes há alguns anos, mostrou fotos antigas que comprovavam os fatos. O terceiro convidado o senhor José Félix Junqueira (Zezeca) também nasceu e sempre morou no bairro da Basílica. Ele contou aos alunos histórias dos seis formatos, ou arquiteturas, que já teve a praça. No início da formação

da cidade era uma rua de terra, que os moradores chamavam “Rua da Poeira”, depois a rua foi calçada e, mais tarde, houve um projeto de uma praça mais bem definida com bancos e árvores. Os moradores apelidaram essa praça de “Três Navios” por causa do seu formato oval. Por questões políticas essa praça foi demolida e outra foi construída no lugar. A próxima construção foi uma fonte luminosa que poucos anos depois foi demolida, pois o fornecimento de água era precário e não havia força suficiente para ser ligada. A construção seguinte foi nos modelos da Lagoa da Pampulha. Foi erguida uma construção de cimento com contornos como os das margens de uma lagoa. Como não combinava com as casas antigas em estilo colonial, essa construção também foi demolida para dar lugar a uma avenida larga com apenas uma rotatória.

Para conhecer a história do centro histórico e de todo seu acervo, o funcionário da Fundação Municipal de Cultura, Luciomar, deu uma aula expositiva. Primeiro ele mostrou o espaço circular da Romaria, explicou para que era destinado antigamente e para que serve nos dias atuais. A Romaria hoje funciona como Centro Cultural de Eventos, mas já foi anteriormente abrigo para os romeiros que vinham a Congonhas e não tinham onde se hospedar. Mostrou e explicou como se deu a construção das seis capelas que abrigam as 66 obras de arte, em madeira cedro, do artista Aleijadinho. Logo depois, já no adro da igreja do Senhor Bom Jesus, ele mostrou as 12 esculturas feitas por Aleijadinho em pedra sabão e dentro da igreja descreveu as pinturas do Mestre Athayde, onde o artista retratou em toda sua obra, passagens da vida de Jesus Cristo. Aproveitou a oportunidade e também mostrou aos alunos a sala dos milagres e os elementos que a compõem.

Os alunos puderam entender o que é um relato oral, ou seja, a fala sem a presença de documentos escritos e por meio deles compreender como se deu a formação e a história do bairro construída ao longo dos anos.

Aulas de campo pelo bairro, registros escritos e fotográficos, relatos de moradores, foram instrumentos imprescindíveis em todas as etapas do projeto, tornando evidentes todas as ações realizadas, possibilitando-nos estabelecer e

criar novas estratégias, discutindo com os alunos acerca do que já havíamos realizado e o que ainda tínhamos para pesquisar e aprender.

A intenção desse trabalho foi proporcionar aos alunos do 4º ano da Escola Municipal José Cardoso Osório o envolvimento e o compromisso com a conservação ou as modificações necessárias de acordo com as reivindicações pensadas e decididas coletivamente com os cidadãos, moradores do bairro onde nasceram e convivem. Resgatar e partilhar memórias vivenciadas por moradores antigos possibilitando o reconhecimento de diferentes opiniões e ideias, exercitando a escuta e o respeito em relação à opinião do outro, ao ambiente natural e patrimonial construído coletivamente ao longo dos séculos.

## **2.2. Problemas de pesquisa**

### **Formulação do problema:**

Os alunos do 4º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal José Cardoso Osório, apesar de morarem em uma cidade com um acervo histórico reconhecido mundialmente e com uma rota de turismo constante, desconhecem o conceito de patrimônio cultural e ambiental. Por meio de conversa informal, pude constatar que suas experiências cotidianas em casa ou na sala de aula não ampliaram o panorama cultural da maioria dos alunos.

Em que ponto uma metodologia investigativa, de fonte oral ou fotográfica ampliará os horizontes na construção do conhecimento acerca do que seja um patrimônio histórico e ambiental? Excursões, entrevistas, visitas, fotografias, rodas de conversa ou aulas expositivas serão instigantes e efetivamente exequíveis e problematizadores na sistematização das reflexões necessárias para o entendimento e reconhecimento, enquanto cidadão, como parte do passado, bem como responsável pela preservação desse patrimônio na melhoria de sua própria qualidade de vida e das futuras gerações?

### **2.3. Objetivos**

- Redescobrir o bairro em outra perspectiva, entendendo a importância do espaço ambiental e patrimonial.
- Realizar visitas de campo que proporcionem situações de aprendizado incentivando a mudança de atitudes tais como, saber contemplar os ambientes naturais ou monumentos edificados pelo ser humano, para ações de preservação responsáveis.
- Ampliar o conhecimento dos alunos do 4º ano nas questões históricas e ambientais do bairro da Basílica na cidade de Congonhas evidenciando o ambiente cultural e ambiental no qual estão inseridos.
- Criar, juntamente com os alunos, um jogo de tabuleiro e um blog com os conhecimentos sobre o Bairro Basílica.

### **2.4. Revisão Teórico-Conceitual e Justificativa**

Este trabalho foi desenvolvido para os alunos do 4º ano da Escola Municipal José Cardoso Osório visando o desenvolvimento da pesquisa de campo. Este tipo de pesquisa é importante por que é a observação dos fatos tal como ocorrem. A pesquisa de campo tem o objetivo de compreender os mais diferentes aspectos de uma determinada realidade. Ao desenvolver a pesquisa de campo procurou-se despertar o interesse dos alunos pelo bairro onde se localiza a escola, pois além de promover uma maior integração dos alunos com o bairro da escola, ele também é o cenário onde está o sítio histórico da cidade reconhecida como Patrimônio Histórico da Humanidade.

Foi nesse espaço que começou a desenrolar a história de Congonhas. História essa que começou com a chegada dos portugueses por volta de 1691 a 1700 que vinham em busca do ouro na região do Rio Paraopeba e seus subafluentes. (Atlas Geográfico de Congonhas, 2008)

Há alguma controvérsia sobre a data de criação da freguesia de Congonhas. Xavier da Veiga cita sua criação em 1745, já o cônego Trindade menciona o

ano de 1734. O livro de Lotação das Freguesias do Arquivo Eclesiástico de Mariana registra informações mais detalhadas e confiáveis: “Foi erigida por ordem de Sua Majestade, em 1734.” (Atlas Geográfico de Congonhas, 2008)

A construção de edificações ocorreu ao longo do século XVIII e possui característica barroca.

Hoje, Congonhas possui a maior mina de minério de ferro de Minas Gerais, Casa de Pedra e é a segunda do país, perdendo apenas para Carajás. Possui também diversos parques ecológicos e reservas florestais, datados de 2006 e 2007. (Atlas Geográfico de Congonhas, 2008)

Conhecer os lugares referências para a comunidade foi de fundamental importância nesse trabalho, como a pesquisa sobre a origem da escola, o porquê do seu nome, como era o espaço físico onde hoje se encontra essa edificação.

Alguns espaços do bairro merecem destaque. A Praça Bandeirantes, as principais ruas que compõe o bairro e suas histórias. Conhecer o conjunto arquitetônico com a Igreja do Bom Jesus, suas capelas e obras de arte do Mestre Aleijadinho e pinturas do Mestre Athayde.

O espaço chamado Romaria e a sua história é outro lugar importante para ser revisitado na pesquisa de campo. Hoje esse espaço é um espaço de Cultura, onde funciona a Fundação Municipal de Cultura de Congonhas e acontecem vários eventos culturais durante todo o ano.

Segundo Meyer (2011)

“um tema extraído do cotidiano, integra e promove a interação entre as pessoas, produzindo um conhecimento mais amplo e coletivizado. A educação é um processo contínuo de aprendizagem de conhecimento e exercício da cidadania, capacitando o indivíduo para uma visão crítica da realidade e uma atuação consciente no espaço social.”

A escola não é o único local de aprendizado e o processo educativo não se esgota no espaço escolar. Por isso a importância deste trabalho, onde os alunos tem a oportunidade de vivenciar outras formas de aprendizagem, por intermédio de visitas ou excursões. É fundamental dialogar com o conhecimento que as pessoas têm acerca do ambiente de sua vivência e prática social, respeitando, questionando ou levando-as a repensarem os aprendidos.

Paulo Freire (1982) diz que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra; daí que a posterior leitura desta não possa prescindir a continuidade da leitura daquele.”.

Antes mesmo de aprendermos as primeiras letras, a nossa primeira leitura é a do ambiente. Essa leitura está carregada de percepções que vão adquirindo significados nas relações sociais, primeiramente na casa e na família e, posteriormente, em outras relações sociais que vamos estabelecendo.

Enfatiza-se ainda a importância de um aprendizado fora dos muros da escola, porque os conteúdos aprendidos estão dissociados da vida cotidiana. Para Meyer (2011)

“a pesquisa e a investigação do cotidiano não ocupam lugar dentro da escola; o saber informal, a origem social e cultural dos alunos não é considerada; a concepção de ciência e de mundo apresenta-se homogênea, estática, verdade inabalável, e prevalece uma valorização da técnica e um desprezo pela cultura.”

Por isso é necessário realizar atividades deste tipo que contribuam na valorização da cultura, pois os alunos na maioria dos casos não prestam atenção nas coisas com as quais lidam corriqueiramente; muitas vezes passam por elas, sem se deter a detalhes, sem as observar.

## 2.4. Metodologia

Participaram deste trabalho todos os 33 alunos do 4º ano do Ensino Fundamental 1, da Escola Municipal José Cardoso Osório, com o objetivo de sensibilizar os alunos a conhecerem o lugar onde vivem e assim preservá-lo de forma consciente, exercendo a sua cidadania.

Os alunos do 4º ano realizaram entrevistas, visitas técnicas, rodas de conversas e fotografias.

Para desenvolver o trabalho de redescoberta do bairro começamos entrevistando antigos moradores, em busca de mais informações, para saber como e quando foi construída a escola onde estudam. A professora ajudou na elaboração das perguntas. Foi feito um roteiro de 22 perguntas que visavam obter informações acerca da aquisição do terreno, a quem pertenciam essas terras, como era a flora original e quais os animais faziam parte da fauna existente, como foi feita a construção e quanto tempo demorou, quando começou a funcionar a Escola, o porquê de ter recebido esse nome que tem hoje, em homenagem a quem e qual a importância desse cidadão para o município de Congonhas. Nas entrevistas iniciais a professora atuou como escriba, já que os alunos não estavam habituados a escrever rápido. Essas perguntas foram elaboradas pelos alunos de forma coletiva, em sala de aula, com ajuda da professora. O objetivo era fomentar nos alunos a curiosidade por conhecer a história da escola onde estudam.

Com esse roteiro em mãos cada aluno ficou responsável por fazer uma pergunta à pessoa entrevistada, a senhora Neuzi Manso, que relatou, oralmente, ser moradora do bairro desde que nasceu e que o terreno onde se encontra a escola pertenceu à sua família até a década de 60.

No final da década de sessenta houve uma negociação com a prefeitura para compra do terreno com os seus familiares e logo em seguida começou-se a construção do prédio onde hoje funciona a Escola.

A entrevistada relatou ainda que, antes de funcionar no lugar atual, a escola funcionava no prédio do Cine Teatro Leon, no centro da cidade de Congonhas. Era em caráter provisório, para atender um número elevado de alunos excedentes, sem condições de frequentarem aula nas escolas já em funcionamento. A escola funcionou nesse prédio até 1979 e nesse mesmo ano foi transferida para o prédio próprio à Rua Dom Rodolfo, s/n, no Bairro Basílica.

Por meio de documentos fornecidos pela secretaria da própria escola os alunos constataram que a mesma foi criada em 1965 e foi mantida pela Secretaria de Estado da Educação até 15 de março de 1994. A partir daí, passou a ser mantida pela prefeitura.

Segundo relato da senhora Manso, houve melhorias no espaço físico da escola. Depois de alguns anos foi construída uma quadra de esportes, áreas de lazer e parquinho. As árvores que hoje enfeitam a escola foram todas plantadas por um morador vizinho, já falecido, por iniciativa própria. Ela mesma trabalhou na escola, primeiro como professora das séries iniciais e no final de carreira foi secretária escolar. Saiu quando se aposentou.

Depois da entrevista os alunos fizeram um relatório coletivo em sala de aula. Em anexo estão as fotos e o relatório manuscrito por uma aluna.

Num segundo momento foi realizada uma roda de conversa, ou seja, fonte oral, com dois moradores antigos do bairro, o senhor José Martins Lobo e o senhor José Félix Junqueira, mais conhecido por todos pelo apelido de Zezeca, que possibilitou relatos das histórias e arquiteturas que caracterizaram a Praça Bandeirantes nos últimos 50 anos. Nessa roda de conversa os alunos ficaram assentados no chão e tinham a liberdade de fazer perguntas durante as explicações.

O primeiro entrevistado levou para a roda de conversa algumas fotos antigas que mostravam como era a Praça Bandeirantes há alguns anos. As fotos foram tiradas na década de 80 e o convidado pode relatar suas memórias acerca das

diversas arquiteturas de que ele conseguia recordar. Os alunos conseguiram perceber que ao longo dos anos a praça era uma rua de terra, depois recebeu calçamento e só mais tarde arquitetos fizeram um projeto diferente para aquele espaço. Primeiro uma construção com bancos e árvores, depois essa praça foi destruída para dar espaço a outras, mas já sem o registro fotográfico.

O segundo entrevistado convidou os alunos para uma roda de conversa diferente, onde suas memórias seriam contadas em forma de histórias já com um olhar mais crítico. Ele começou a conversa chamando a atenção para o formato atual, que é uma avenida larga e muito difícil de atravessar por causa do trânsito intenso.

Segundo Zezeca houve várias tentativas de construir uma praça melhor e mais bonita. A penúltima tentativa foi uma arquitetura moderna, onde o arquiteto responsável pela obra desenhou uma praça nos modelos da Pampulha, em Belo Horizonte. Mas como não combinou com o estilo das casas coloniais, logo o projeto foi abandonado e pouco tempo depois desmanchado.

Antes dessa praça havia outra com uma fonte luminosa que não funcionava, pois o fornecimento de água no bairro era muito precário. Contou ainda que a primeira praça de que ele tem lembrança era uma praça que era chamada de “Três Navios”. Eram três construções em forma oval com árvores ao centro e bancos em volta. Essa praça servia para descanso dos viajantes que por aqui passavam, pois era caminho para várias cidades.

Segundo seus estudos, o convidado relatou ainda que, anteriormente, na formação da cidade no século XVIII, esse espaço era uma rua de terra, que todos conheciam como “Rua da Poeira”, aonde os bandeirantes chegavam em busca de riquezas minerais. Ele ajudou os alunos a confrontarem o passado e o presente, e não apenas vê-lo em ordem cronológica.

Uma aluna sugeriu mandar uma mensagem para os representantes políticos da cidade e no dia 18 de junho, de forma coletiva, os alunos redigiram uma carta

para ser entregue as autoridades. Os alunos trouxeram alguns nomes de prováveis candidatos e essas cartas foram entregues a eles.

A visita campo à Romaria foi com a presença do funcionário Luciomar de Jesus, da Fundação Municipal de Cultura, para explicação de como é usado esse espaço nas manifestações culturais nos dias de hoje.

Ele contou que nesse local funciona a FUMCULT (Fundação Municipal de Cultura) e que ela é responsável por organizar todos os eventos realizados durante o ano, tais como: Carnaval, Festival da Quitanda, Festas Juninas, Festival de Inverno, dentre outros. Para enriquecimento do trabalho foi feita também uma visita ao museu de Mineralogia para que os alunos conhecessem os minerais que são retirados do solo de Congonhas.

Logo em seguida fizemos uma visita às capelas onde está o conjunto de 66 imagens de cedro, esculpidas em tamanho natural, pelo artista Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Todas as seis capelas representando os passos da “Paixão de Cristo” na visão do artista foram visitadas. Nesse momento os alunos fizeram perguntas e esclareceram as dúvidas que surgiram espontaneamente no momento da visita quanto às cenas representadas pelo Aleijadinho.

No adro da igreja Luciomar contou a história das doze estátuas dos profetas, esculpidas em pedra sabão pelo mesmo artista. Luciomar procurou sensibilizar os alunos quanto à importância desse conjunto arquitetônico, conhecido como o maior conjunto barroco do mundo e a necessidade de preservá-lo para as gerações futuras.

Houve uma visita de campo à Basílica do Senhor Bom Jesus de Matosinhos para conhecer a arte barroca mineira. Edificação do século XVIII construída pelo bandeirante Feliciano Mendes, de origem portuguesa, que se aventurou pelas terras mineiras em busca de ouro. Doente, fez uma promessa que se curado ergueria um santuário em homenagem ao Bom Jesus de Matosinhos. O

funcionário Luciomar explicou como foram feitas as pinturas internas, pelo artista Mestre Athayde.

Luciomar deu uma aula expositiva dentro da Basílica e mostrou os detalhes da pintura desse artista, evidenciando que esse templo é manifestação da doutrina católica e que todas as pinturas retratam a vida de Cristo, do seu nascimento à sua morte. Explicou também que houve influência da cultura oriental em algumas peças esculpidas e expostas nesse local.

Os alunos perceberam os reflexos de acontecimentos ocorridos no passado na sociedade em que vivem. Mais do que isso, puderam entender que a história está muito perto de todos nós e que cada indivíduo é protagonista dos processos dela.

Ao final das visitas os alunos fizeram relatório coletivo em sala de aula, escritos pela professora no quadro, e copiados por cada aluno em seu caderno. Os relatórios estão em anexo.

### **3. APRESENTAÇÃO DO PRODUTO PEDAGÓGICO**

#### **3.1. Descrições dos produtos pedagógicos**

O primeiro produto pedagógico resultante deste trabalho foi confeccionado com os alunos em sala de aula. É um jogo de tabuleiro do espaço ambiental e patrimonial do Bairro Basílica. Em relação ao jogo de tabuleiro é importante ressaltar que por meio das brincadeiras as crianças desenvolvem saberes, resolvem conflitos, experimentam sensações, lidam com diferentes sentimentos e aprendem a conviver e a cooperar com o grupo e com o outro.

A turma foi dividida em dois grandes grupos, que elaboraram dois jogos de trilhas com os lugares pesquisados. Os alunos fizeram a trilha e os desenhos que as ilustrariam. Foi feito um desenho para representar a Praça Bandeirantes, a Escola, a Igreja do Bom Jesus, as seis capelas “dos passos”,

um desenho da Romaria e da Alameda das Palmeiras que faz parte do conjunto.

As regras do jogo são as seguintes: podem jogar 3 ou 4 crianças de uma só vez. Cada jogador lança o dado e anda as casas de acordo como a quantidade indicada no dado. O jogo também é composto de 40 cartas com perguntas e respostas, elaboradas coletivamente pelos alunos e que foram usados durante o jogo. Quando o pião cai numa casa marcada um aluno tira uma carta e faz a pergunta ao colega. Se ele acertar segue as instruções que estão ali descritas. Ganha o jogo quem conseguir chegar primeiro ao fim da trilha.

O segundo produto pedagógico foi a criação de um blog para divulgação das aprendizagens. A escolha do blog se deu por ser possível criar nesta ferramenta uma linguagem acessível e promover discussões sobre os diversos assuntos tratados neste trabalho. O blog permitiu também a participação das pessoas envolvidas direta ou indiretamente com esse trabalho que puderam comentar a respeito do que foi publicado. Todo material foi confeccionado após a coleta de imagens durante as visitas realizadas ao longo do trabalho. Além disso, os alunos puderam formular questões sobre os lugares ou temas ambientais com respostas para favorecer a reflexão quanto à necessidade de preservação.

A criação do blog surgiu da necessidade de divulgar as aprendizagens que ocorreram durante o trabalho. Durante as visitas realizadas os alunos coletaram imagens e informações, fizeram desenhos e relatórios. Tiveram também a oportunidade de formular questões sobre os lugares ou opinar sobre as visitas e os temas ambientais favorecendo a reflexão do trabalho realizado. Esse material foi organizado e publicado no blog como síntese do trabalho realizado.

Por isso, diante da possibilidade de apropriação dos espaços tecnológicos por parte dos alunos e professores, do favorecimento à democratização das oportunidades sociais e da participação num mundo cada vez mais “globalizado”, foi usado esse recurso dinâmico, de baixo custo, já que a escola

possui um laboratório de informática, com internet a disposição e laboratoristas para auxiliarem nas atividades.

Nessa visão, não planejou somente a aprendizagem de conteúdos mas também o aprendizado através da experimentação, dos erros e dos acertos, e da promoção e desenvolvimento de habilidades cognitivas de como escrever um comentário e buscar informações da criação de um blog. Essa atividade possibilitou o processo de apropriação dos espaços tecnológicos por parte dos alunos e dos professores, contribuindo para aumentar a utilização desse recurso tão prazeroso para todos.

Na criação desse blog fizemos a união dos projetos que aconteceram simultaneamente na turma do 4º ano. O profissional capacitado na área de informática contribuiu na criação e manutenção desta ferramenta.

Por meio desse produto pedagógico o professor além de ser um facilitador do acesso e mediador de dinâmicas, foi também o gerente de recursos tecnológicos, compartilhando o trabalho da coordenação e buscando outras formas de utilização das ferramentas tecnológicas já presentes na escola.

Essa escolha privilegiou um recurso muito estimulante e atraente para o público alvo, ativando as percepções e ao mesmo tempo firmando as aprendizagens de temas patrimoniais e ambientais que eventualmente não foram assimiladas durante o processo.

Portanto, os produtos pedagógicos deixaram em evidência a proposta desse projeto. Essas atividades simples, objetivas e de baixo custo, aplicável aos alunos resultou na finalização de uma aprendizagem significativa e no estímulo de olhar o lugar onde vive de uma forma mais profunda, mais dialógica com o ambiente no seu entorno, abrindo possibilidades para o cuidado e a reflexão quanto à preservação do patrimônio e do ambiente na melhoria da qualidade de vida.

#### 4. CONCLUSÃO

No decurso deste trabalho, buscou-se demonstrar que, o processo de ensinar e aprender não ocorre apenas entre as quatro paredes de uma sala de aula. Ele também pode acontecer e de maneira mais prazerosa fora dos muros da escola.

Segundo Meyer (2011) “o mapeamento dos espaços que se pretende estudar, possibilita ao professor ir a campo, aprendendo junto com os alunos, numa dimensão do aprender vivendo”. As visitas de campo proporcionaram aos alunos a leitura do ambiente natural e o modificado pela ação do ser humano ao longo dos anos, bem como o diálogo com o conhecimento das pessoas. Educar nesta perspectiva contribui na construção de um conhecimento vivenciado, lendo e relendo o ambiente construído sócio-históricamente, sensibilizando os alunos para o exercício pleno de sua cidadania.

A construção do produto final foi fundamental para avaliar o nível de aprendizagem dos alunos. Por meio das brincadeiras as crianças desenvolveram saberes e experimentaram sensações, resolveram conflitos, obedeceram regras impostas pelo próprio jogo.

Segundo Violada (2012)

“ a criança, ao jogar e brincar, não só incorpora regras socialmente estabelecidas, mas também cria possibilidades de significados e desenvolve conceitos, o que justifica a adoção do jogo como aliado importante nas práticas pedagógicas.

Toda criança precisa brincar para crescer, precisa do jogo como forma de equilíbrio com o mundo. Brincando e jogando, a criança reproduz suas vivências, transformando o real de acordo com seus desejos e interesses.”

Ao longo do desenvolvimento do trabalho os alunos puderam encontrar caminhos para realizar atividades sobre o bairro estudado, proporcionando neles o gosto em cuidar e preservar do patrimônio ambiental e cultural que é legado de todos. Sublinha-se que o trabalho de campo foi importante, pois ao conhecer o bairro vivenciando seus espaços possibilitou-se a criação de um vínculo afetivo entre os alunos e o ambiente.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E DOCUMENTAIS

ANDRADE, Mariza Guerra de. Patrimônio com educação – Revista Presença Pedagógica, jan./fev. 2007, v.13. N.73.

Atlas Histórico e Geográfico de Congonhas, Estado de Minas Gerais, 2008.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Referências culturais: base para novas políticas de patrimônio. In: BRASIL. MinC/IPHAN. Inventário Nacional de Referências Culturais; Manual de Aplicação. Brasília: MinC/IPHAN, 2000. pp 11-21.

HORTA, Maria de Lourdes P. Lições das coisas: o enigma e o desafio da educação patrimonial. IN: Revista do IPHAN: Museus antropofagia da memória e do patrimônio. Nº31. Rio de Janeiro: IPHAN, 2005.

LIMA, Venício A. de. Comunicação e cultura: as ideias de Paulo Freire. Brasília, Editora UnB, 2011.

MEYER, Mônica Ângela de Azevedo - Revista Presença Pedagógica, mar./abr. 2012, v.18/ N. 104, Editora Dimensão.

MEYER, Mônica Ângela de Azevedo - Revista Presença Pedagógica, mar./abr. 2011, v.17/ N. 98, Editora Dimensão.

MOURA, Dácio Guimarães de; BARBOSA, Eduardo F. Trabalhando com projetos: planejamento e gestão de projetos educacionais. Belo Horizonte: Ed. dos autores, 2004.

RAYS, Oswaldo Alonso “Pensar para repensar, repensar para agir, agir para transformar.” In: Cadernos de educação. João Pessoa, UFPb, nº2, abril de 1981.

RICCI, Cláudia Sapag. *Pesquisa como ensino*. Textos de apoio. Propostas de trabalho - 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

TEIXEIRA, Adla Betsaida Martins. *Temas Atuais em Didática*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2010.

VIOLADA, Rosiane. Descobrir o mundo em jogos e brincadeiras – *Jornal Mundo Jovem*, junho.2012, Ano 50. N.427.

## 6. ANEXOS

### Anexo 1

Fotos da entrevista com a Senhora Neuzi Manso e relatório coletivo dos alunos feito em sala de aula, no dia 26 de abril de 2012, para saber a origem da Escola Municipal José Cardoso Osório.





Relatório feito de forma coletiva depois da entrevista com a Senhora Neuzi Manso.

Relatório da entrevista para saber a origem da escola M. José Cardoso César.

Nome da entrevistada: Neuzi Maria Manso  
Endereço: Rua Dom Rodolfo, 79 A - Bairro  
Basilica.

Nós alunas da 4ª ano entrevistamos a senhora Neuzi, no dia 26 de abril de 2019. A entrevista aconteceu no pátio da escola, num círculo de alunos. A entrevistada nos relatou que nasceu e sempre morou no Bairro da Basilica e que o terreno onde hoje se encontra a escola pertence a sua família. Mais especificamente, aos seus avós paternos, Antônio Manso de Ulirira e Margarida Miranda Ferreira, desde o final do século XIX.

Ela começou contando que o grande quintal da casa dos avós, era cheio de árvores frutíferas, e que uma grande parte do terreno era para o cultivo de milho e feijão. Seus avós criavam ainda, porcos e galinhas. Relatou ainda que a flora e fauna local, abrigava vários tipos de pássaros, tais como: tico-tico, tucanos, papagaios, maritacas

No final dos anos 60, houve uma negociação com a prefeitura e, tanto o pai dela como os tios, que haviam recebido o terreno como herança, venderam parte dessas terras para a construção da escola.

A Senhora Neuzi, em suas memórias, nos contou que a construção da escola demorou mais de um ano.

Lembra ainda que a escola foi criada em 1965 e foi mantida pela Secretaria de Estado da Educação até 15 de março 1969, a partir daí passou a ser mantida pela prefeitura. Antes de funcionar no prédio atual, a escola era no cine Leon, a Rua Padre Gurgel, no Centro da cidade. Escola provisória para atender número elevado de crianças excedentes, sem condições de frequentarem aula nas escolas já em funcionamento.

Em 3 de março de 1969, passou a adotar a denominação que tem hoje.

A escola recebeu esse nome para homenagear a senhor Jarsi Cardosa Osório, que prestara serviços à prefeitura como secretário geral. Cargo muito importante e de grande prestígio.

Em 1979, transferiu-se para o prédio próprio, na Rua Dom Rodolfo S/n, no Bairro da Basílica.

A senhora Keuzi nos contou que a inauguração foi muito bonita, com autoridades da época e que houve uma recepção no prédio da prefeitura para os convidados ilustres.

A primeira diretora da escola foi a senhora Mary Gomes Valentim, nomeada pela secretaria de estado de educação de Minas Gerais. A escola atendia mais de duzentos alunos, com prioridade para os alunos do bairro da Basílica.

A construção da escola foi de grande importância para o bairro, pois as crianças não mais precisaram atravessar a cidade para frequentar a escola.

Ao longo dos anos houve algumas mudanças no aspecto físico da escola. Foi construída uma quadra para esportes, áreas de lazer, parquinho. As árvores que hoje enfeitam a escola foram todas plantadas pela senhora Adalfo, morador do prédio, por iniciativa própria.

A senhora Keuzi trabalhou na escola desde a sua inauguração e ficou por 10 anos. Foi professora das séries iniciais, e no final da carreira foi secretária escolar. Ela saiu quando se aposentou.

**Anexo 2**

Fotos da roda de conversa com moradores antigos do bairro, fotos antigas da Praça Bandeirantes, relatório coletivo feito pelos alunos em sala de aula, carta coletiva também feita em sala de aula as autoridades do município de Congonhas e fotos atuais da Praça Bandeirantes.

Senhor José Martins Lobo





Roda de conversa com o Senhor José Félix Junqueira (Zezeca)  
Histórias da Praça Bandeirantes (várias arquiteturas ao longo dos anos)





Formato atual da Praça Bandeirantes



Formato antigo da Praça Bandeirantes



Relatório coletivo da roda de conversa com Zezeca.

Relatório da roda de conversa com José Félix Junqueira (Zezeca)

No dia 14 de junho de 2019, o artista e morador do bairro, Zezeca veio contar a história da Praça Bandeirantes de antigamente e dos dias atuais.

Ele começou chamando a atenção para o formato atual, que é uma avenida larga, difícil de atravessar.

Mas houve várias tentativas de construir uma praça melhor e mais bonita.

A penúltima tentativa foi uma arquitetura moderna, onde um arquiteto muito vaidoso da cidade desenhou uma praça nos modelos da Pampulha, em Belo Horizonte. Ela não combinou com o estilo das casas coloniais, e por isso o projeto foi abandonado e depois desmanchado.

Antes dessa praça havia outra com uma fonte luminosa que não funcionava pois, o fornecimento de água no bairro era precário.

A primeira praça de que ele tem lembrança era a Praça dos Três Navios. Eram três construções em forma oval, com árvores no centro e bancos em volta. Esta praça servia para descanso dos viajantes que por aqui passaram pois era caminho para várias cidades.

Anteriormente, no local da praça, na formação da cidade de Congonhas, século XVIII, este espaço era uma rua de terra, que todos conheciam como rua da pólvora, onde os bandeirantes chegavam em busca de riquezas minerais.

Carta as autoridades do município de Congonhas.

Congonhas, 18 de junho de 2012.

Prezada autoridade,  
nós alunos do 4º ano, da Escola Municipal José Cardoso Leão, no bairro Basílica, estamos desenvolvendo um projeto sobre o patrimônio do bairro, as áreas naturais e de lazer da cidade.

Durante o projeto percebemos que a Praça Bandeirantes, há um tempo atrás, era bem melhor, pois tinha árvores, bancos, área de lazer e hoje vemos apenas uma avenida larga. Nesse modo essa avenida não nos atende porque devido ao trânsito intenso fica difícil atravessá-la e não embeleza o nosso bairro.

Diante disso nós cidadãos, moradores do bairro, reivindicamos a modificação da praça, para que ela seja, realmente, um espaço público de convivência. Nossa sugestão é que a praça tenha: bancos, árvores, jardins, parquinho ou até playgrounds, como vimos em outros bairros da cidade.

Sabendo da sua importância para tomada de decisões na melhoria da praça, desde já agradecemos e aguardamos resposta.

Abraços de todos nós, alunos do 4º ano.

**Anexo 3**

Visita técnica a Romaria e igreja do Senhor Bom Jesus de Matosinhos com Luciomar de Jesus funcionário da (FUMCULT) Fundação Municipal de Cultura.







Relatório coletivo feito em sala de aula após visita técnica a Romaria e igreja do Senhor Bom Jesus de Matosinhos.

Relatório da visita técnica à Romaria e às obras de arte do conjunto arquitetônico da Basílica Bom Jesus.

Começamos a nossa visita pela Romaria.

Luciomar explicou que a Romaria, hoje é um espaço cultural, mas antigamente era usado para hospedar oromeiros.

Depois visitamos o museu de mimetologia.

Subimos para estudar as capelas onde estão as 66 figuras esculpidas em madeira (cedro) pelo artista Olejadinho. O nome verdadeiro Antônio Francisco Lisboa.

São 6 capelas onde ficam as obras feitas de madeira. São elas?

- 1º Santa Ceia
- 2º Floresta das Oliveiras
- 3º Prisão
- 4º Flagelação e Coroação de espinhos
- 5º Cruz as costas
- 6º Crucificação

No adro da igreja, Aljadinho fez 12 peças de pedra sabão.

A igreja foi construída pelo bandeirante Feliciano Mendes, que domite prometeu ao Bom Jesus, que se curado construiria uma igreja.

Depois de pronta, a igreja recebeu pinturas do mestre Athayde.

Todas as pinturas são representações da vida de Jesus.

Visitamos, também, a sala dos milagros onde os romeiros deixavam fotos e objetos de cera.

**Anexo 4**

Elaboração do produto pedagógico: Jogo da trilha





Hora da brincadeira





Criação do blog

